

Um “olhar arquivístico” sobre o projeto *Diários construindo memórias: educadores em tempos de pandemia*

Lílian Miranda Bezerra¹

O projeto “Diários construindo memórias: educadores em tempos de pandemia” nos proporciona reflexões a partir de variados enfoques. Neste texto nos propomos a pensá-los sob o ponto de vista da Arquivologia (também conhecida como Arquivística)², entendendo-os, portanto, enquanto documentos de arquivo.

Mas o que é “arquivo”? Arquivo é uma palavra polissêmica, podendo significar: 1. a entidade administrativa que custodia e trata documentos; 2. o prédio em que estes documentos estão alocados, sendo sinônimo de depósito; 3. o móvel no qual são guardados os documentos (aquele composto por número variado de gavetas), ou 4. o conjunto de documentos produzidos ou acumulados ao longo das atividades de pessoas físicas ou jurídicas, públicas ou privadas (CAMARGO; BELLOTTO, 2010, p. 21). É esta última definição que aqui nos interessa.

Dito de outro modo, os “documentos de arquivo” são aqueles produzidos, naturalmente e obrigatoriamente, no desempenho de alguma atividade. No caso dos Diários em questão, no desempenho das atividades de um professor. Importante ressaltar que estes documentos são, portanto, provas destas

¹Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (2020). Bacharel e licenciada em História pela mesma instituição. Atualmente é Supervisora Técnica do Serviço de Gestão Documental do Arquivo Geral da USP, tendo atuado, anteriormente, junto ao arquivo da Fundação Instituto Fernando Henrique Cardoso. cursou a Escuela de Archivos para Iberoamérica (Espanha) e realizou o curso de Introdução à Política e Tratamento dos Arquivos da PUC-SP. É autora de capítulos de livros, artigos e trabalhos apresentados em eventos relacionados à área de Arquivologia.

² “Disciplina que tem por objeto o conhecimento da natureza dos arquivos e das teorias, métodos e técnicas a serem observados na sua constituição, organização, desenvolvimento e utilização” (CAMARGO; BELLOTTO, 2010, p. 21).

mesmas atividades, restando a posteridade como informação/testemunho destas ações (BELLOTTO, 2014, p. 331).

Os Diários elaborados neste momento de reclusão - causado pela pandemia do novo coronavírus - podem ser apreendidos no entrecruzamento de reflexões e sentimentos subjetivos/pessoais, mas também retratam os anseios e experiências de uma categoria profissional específica, podendo refletir um novo modo de pensar e de operacionalizar a profissão docente.

Expandindo a discussão, os documentos produzidos pelos professores na sala de aula ou nos seus momentos de preparação pedagógica, constituem o que podemos chamar de “arquivo de docente”³. Composto por diários de classe, cadernos de anotações, material didático, roteiros de aulas, relatórios de atividades etc., estes documentos revelam o dia a dia da docência e uma parcela do cotidiano escolar.

Do ponto de vista arquivístico, o arquivo de docente encontra-se no limiar entre arquivo pessoal (daquele professor específico que o produziu) e arquivo institucional (como parte do arquivo da escola a qual este professor se vincula), suscitando discussões acerca de seu enquadramento. Entretanto, independentemente da abordagem pela qual estes documentos possam ser tratados (se pessoal ou institucional), certamente eles são parte relevante do conjunto mais amplo de documentos que compõem os denominados “arquivos escolares”.

O arquivo escolar é o resultado das atividades administrativas e pedagógicas, e de sua sistemática escrituração (MOGARRO, 2005, p. 91).

³ No ano de 2012 o Arquivo Geral da Universidade de São Paulo (AG-USP) coordenou um projeto denominado “*Por uma política de preservação da docência e da pesquisa na USP*” no qual os arquivos de docentes da Universidade estiveram em pauta. Recomendamos o acesso ao site do Arquivo Geral para acesso ao objeto e objetivos deste projeto, metodologia empreendida e resultados, entre os quais destacamos o Banco de Dados *Docere*, elaborado a partir das informações recolhidas durante o trabalho de campo: <https://sites.usp.br/projetomemoria/>.

O uso dos arquivos escolares como fonte para a apreensão do cotidiano e cultura escolar é relativamente recente na história, o que trouxe à cena seus documentos típicos, tais como: atas do conselho, diários de classe, trabalhos e provas de alunos, livros de matrícula etc. (NASCIMENTO, 2013, p. 33). No entanto, chamamos a atenção que, muitas vezes, estes documentos não são considerados como de guarda permanente pela legislação, o que amputa parte do entendimento do funcionamento escolar. Logo, a possibilidade de novas abordagens históricas está condicionada à existência desses arquivos.

Salientamos que os documentos de arquivo são, necessariamente, fonte para a escrita da história, ainda que não sejam a única. Neste sentido, a professora Bellotto reafirma sua importância:

A história não se faz com documentos que nasceram para ser “históricos”, nem com autógrafos de grandes figuras, nem com documentos isolados que signifiquem o ponto final de algum ato administrativo e sim, ademais de outras fontes, com a “papelada” gerada pelo cotidiano da vida administrativa (BELLOTTO, 2006, p. 114).

A partir desta breve discussão arquivística, tentamos demonstrar como os documentos produzidos pelos professores são relevantes para a reconstituição da história, tanto da profissão docente, quanto da instituição escolar. Neste sentido, incentivamos você professor a guardar (arquivar) o Diário elaborado neste contexto de pandemia, seja em seu arquivo pessoal, ou, quem sabe, futuramente, como parte integrante do arquivo da escola a qual se vincula.

Claro que a incorporação destes Diários ao arquivo da instituição escolar está sujeito à política de aquisição de documentos nas respectivas escolas, ou mesmo de uma política mais ampla da Secretaria de Educação, mas só poderemos ter os testemunhos desta experiência pela qual a humanidade está passando, se nos preocuparmos hoje, com a guarda e manutenção destes documentos.

Referências

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes**: tratamento documental. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos**: estudos e reflexões. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida; BELLOTTO, Heloísa Liberalli (coord.). **Dicionário de terminologia arquivística**. São Paulo: Centro de Memória da Educação FEUSP: FAPESP, 2010.

MOGARRO, Maria João. Arquivos e educação: a construção da memória educativa. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, SP, v. 5, n. 2, p. 75-99, jul./dez. 2005.

NASCIMENTO, Adalson. O lugar do documento: arquivistas e historiadores na construção dos arquivos escolares. *In*: NASCIMENTO, Adalson; CHAMON, Carla Simone (org.). **Arquivos e História do Ensino Técnico no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013. p. 31-46.